



**Do:** S.O.E.

**Para:** Pais da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio

## **TEXTO DE ORIENTAÇÃO AOS PAIS**

### **FILHOS: EDUCÁ-LOS OU AMÁ-LOS?**

*Célia Melo*

Eu sou da geração que cresceu ouvindo... “Não importa a quantidade de tempo que temos para os nossos filhos e, sim, a qualidade deste tempo”: essa máxima tentava nos tranquilizar sobre a tarefa de educar as nossas crianças.

Hoje, fico imaginando como outras mulheres vivem no dia a dia: essa quase impossível missão. E chego à conclusão que isso vem gerando ansiedade, estresse e a terrível sensação de impotência em praticamente toda esta população de profissionais, esposas e mães.

Nossos filhos crescem e exigem de nós mudanças de atitudes, posicionamentos, reestruturação de nossas casas e até da forma de expressar o nosso amor. Nossos relacionamentos mudam, nossos homens evoluem e surgem outras necessidades e expectativas na forma de viver com suas mulheres. Também aqui se faz necessário mudar a forma de amar e demonstrar o amor.

E nós? Como ficamos? Estamos nos modificando, adaptando, evoluindo e transformando. Sim, porque talvez seja esta a nossa maior força: somos altamente capazes de nos adaptar como também promover – de forma significativa – a sobrevivência de todos os que nos rodeiam.

E os filhos? Como educá-los e prepará-los para os novos desafios? Deparamos-nos com estas e outras indagações e, por conta delas, a cada dia cresce o número de estudos, pesquisas, livros, conselhos e ‘dicas’. Mesmo assim, somos alvos de críticas e cobranças no que se refere à nossa conduta como mãe. Parece que nada mais faz sentido e que tudo que é feito está errado. Porém, quero trazer um novo conceito a esta realidade. A vivência que compartilho em meu trabalho, ouvindo outras mães, meus pacientes na clínica, amigas e familiares – me trazem um grande alento: não estou sozinha.

Todos estão nesta batalha diária em educar os filhos para serem pessoas íntegras, capazes e plenas. E neste contexto, estar presente é muito importante. Orientações básicas sobre higiene, bons modos, respeito aos mais velhos, acompanhamento das tarefas e estudos, conhecer os amigos e o que eles estão acessando na Internet, são nossa responsabilidade e não podemos delegá-la a ninguém.

O sentimento de culpa que nos sufoca, quando não podemos estar tão presentes quanto gostaríamos, muitas vezes nos faz tentar compensar esta ausência com excessos de bens materiais, justificativas vazias ou até com atitudes omissas. Faz parte do ato de educar dizer não de forma clara, sem medo de magoar. Para a criança, aprender a adiar o seu desejo e a esperar faz parte do ato de aprender a amar. Quando gostamos, esperamos o ser amado, passamos pelo processo de conhecer, namorar, solidificar o relacionamento. O tempo para a chegada dos nossos filhos é repleto de expectativas, preparação e sonhos. Quando fomos “ensinados” que teríamos que esperar tanto? Esperamos uma vida para vê-los crescer e ter a certeza de que fizemos as coisas certas, que sem manual de instrução conseguimos o impossível, assim como os nossos pais e os pais deles, anteriormente.

Temos um medo paralisante de determinar limites para os nossos filhos e esquecemos que vivemos em uma sociedade onde todos precisam seguir regras e atendê-las para que não haja punição, que nos sentimos perdidos quando elas não são claras, ou quando são modificadas e não somos informados. Assim também acontece em nossa família: sem regras claras e sólidas, somos vítimas de frustrações frequentes, brigas e desentendimentos. Aprendemos e precisamos ensinar que tem momento certo para cada experiência e vivência. Precisamos valorizar cada fase de vida de nossos filhos, seja sua infância, adolescência, juventude e maturidade com suas conquistas, dificuldades e responsabilidades. Não podemos nos sentir intimidados com a cara feia, a porta do quarto fechada, o choro; até as ameaças são situações que devem ser aproveitadas para reforçar o nosso diálogo. Este é o momento da verdade: é aqui onde somos realmente colocados à prova, onde devemos nos lembrar que somos os adultos da relação.

Sejam pais, mães, avós ou professores que se envolvam neste processo de educar, todos precisam se fazer presentes em cada momento possível. O tempo é um adversário implacável, mas podemos usá-lo a nosso favor. A grande lição que aprendi com minha mãe e minha filha é justamente que eu não preciso dividir o meu tempo. Praticamente tudo podemos fazer juntas, como escrever este texto com elas conversando, perguntando e brincando; fazer as atividades de casa, pedir a opinião com relação a um problema, acompanhar ao médico e às reuniões com os amigos, ser franco quando chegar chateado do trabalho, usar de honestidade nos seus sentimentos e relações. Deixemos claro que frustrações e dificuldades existem e que elas fazem parte de nossa vida. Isto sim é educar, é preparar para a realidade que eles, nossos filhos, precisam saber lidar.

Finalmente, chego à conclusão que educar filhos significa amá-los incondicionalmente e que o processo de educar ocorre através da demonstração deste amor. Não existem famílias perfeitas, mães e pais perfeitos, assim como não existem filhos perfeitos. Somos seres em desenvolvimento, aprendendo a assumir nossas responsabilidades e servindo como modelo de conduta pessoal, profissional, social, política e ética para as nossas crianças e jovens.

Célia Melo

Psicóloga formada na Universidade de Fortaleza (Unifor) com Especialização em Psicologia Escolar/Educacional pelo Conselho Regional de Psicologia de Fortaleza – CE. Especialização em Terapia Familiar – Uma Abordagem Sistêmica pela Universidade de Fortaleza – Unifor. Curso de Aperfeiçoamento e extensão – Adolescente na Cultura Atual, pela PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo – SP. Psicóloga Clínica com Formação em Gestalterapia pelo Instituto Gestalt do Ceará e Coordenadora Pedagógica da Organização Educacional Farias Brito.